

# ■ Escola de Aruanda: Aprendizados e ensinosa partir do lugar do negro

 Adeir Ferreira Alves\*

**Resumo:** Este texto ensaia uma “clínica do sujeito”<sup>1</sup>. Revisitando a minha trajetória de aprendizados escolares e de vivências múltiplas, busco me curar dos traumas sofridos. Encontro neste caminho a identidade e a historicidade da negritude, que me lançam existencialmente num coletivo de memórias fraturadas: escravidão, racismo, necropolítica, epistemicídio, dentre outras. Esta busca emprega uma episteme afrocentrada (corporeidade, Escola de Aruanda), que na forma poética se une à oralidade africana – presente nos quilombos, terreiros e favelas. As minhas poesias são símbolos de aprendizagens e cura, porém, elas não se conformam às estruturas objetivistas do pensamento ocidental. A partir da minha corporeidade negra denuncio as opressões, reivindico reparação e justiça, e consolido tratamento e cura das feridas antigas e recentes, individuais e coletivas. Embora pareço caminhar sozinho, além das minhas memórias pessoais, trato também as ancestrais memórias coletivas, e assim vou me curando na Escola de Aruanda. Dividido em três partes, este artigo primeiro faz a introdução ao tema (contexto, método, objetivos como já visto até aqui), e na sequência trata brevemente sobre a episteme afrocentrada e a abordagem decolonial; a segunda parte é a central, onde apresento algumas poesias que narram as vivências aprendidas na minha trajetória em distintos lugares/espacos/territórios; e já nas considerações finais, em que o sentido da poesia é associado à cura das emoções e seus sentidos impressos (transgeracionalmente e culturalmente) na corporeidade negra.

**Palavras-chave:** Poesia. Existência. Raça. Cura.

---

\* Adeir Ferreira Alves é graduado em Filosofia (Bacharelado e Licenciatura) pelo Instituto Santo Tomás de Aquino - ISTA - MG (2006); especialista em: Letras e Multiletramentos (Universidade Gama Filho, 2013); Psicopedagogia Clínica e Institucional (Faculdade Jesus Maria José, 2009); Filosofia e Existência (Universidade Católica de Brasília, 2014); mestre em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília (2019). Pesquisador do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros-NEAB da UnB. Estatutário da carreira do magistério da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Contato: [adeir.liceu@gmail.com](mailto:adeir.liceu@gmail.com)

## Introdução

Fruto de compreensões e aprendizados em virtude de atuações em movimentos sociais e de pesquisas acadêmicas na área de filosofia ocidental, filosofia africana, direitos humanos (raça, classe, gênero), e também fruto da prática profissional do magistério na Educação Básica, este texto é uma expressão filosófica de abordagem decolonial<sup>2</sup>, em que minha trajetória de vida é narrada e ressignificada por meio da poesia, através da qual ensaio algumas reflexões existenciais. Porém, o objetivo não é apresentar uma autobiografia, e sim saberes da “corporeidade afrocentrada”<sup>3</sup> evocada nas minhas vivências, mas que está além da minha existencialidade.

Filosofar pela corporeidade negra é filosofar em primeira pessoa – partindo das singularidades de raça e de classe que compõe o meu existir. Assim vou abrindo “caminhos de reflexão” para questionar de modo crítico os paradigmas objetivistas da racionalidade ocidental – que para todos os efeitos, oprime com suas estruturas prementes, além dos negros, diversos segmentos sociais (mulheres, LGBTQs, pobres etc.).

O método aqui empregado é uma espécie de bricolagem (reunião de métodos), mas não apenas no sentido numérico e normativo da pesquisa científica tradicional. Minha escolha metodológica é um caminho poliepistêmico da plurirracionalidade (RUFINO, 2019). A metodologia que aplico é, para todos os efeitos, emancipada de estereótipos, classificações e paradigmas dominantes da “colonialidade do poder” (QUIJANO, 2005). Embora os elementos que reúno não sejam genuínos (poesia, existencialismo, narrativas orais, misticismo, ancestralidade africana, reunião, cura, dentre outras possibilidades) a busca é emancipada.

Neste escrito a metodologia se expressa de modo plurívoco na força, no transe, no desejo, na superação, na inteligência africana e afrodiaspórica, mas não como conceito aplicado, e sim como vivências e multiplicidades da “corporeidade negra”, porque este corpo negro “revela a posição nas relações de poder daquele que age, vê, fala, escuta, cheira e tasteia. Sem uma corporificação, seríamos semelhantes a deuses. Com a corporificação, temos vidas particulares, historicamente contextualizadas” (BERNARDINO-COSTA, 2019, p. 265). Corporeidade esta, que por seu turno, se apresenta por todos os sentidos e todas as faculdades incorporadas e/ou corporificadas para compreender o existir humano, e não se reduz, portanto, apenas à razão (cogito). Por estas razões, aqui a metodologia se expressa pelo gênero poético.

Conforme depreendo de Aguiar (2017), de Bernardino-Costa (2019), de Grosfoguel (2019), de Ângela Davis (2016), de Patricia Collins (2019, e de outros/as autores/as da abordagem decolonial, o eurocentrismo/

colonialismo imprime, na existência das pessoas negras, severas marcas e, para o Ocidente como um todo, impõe estruturas prementes gerando diversas assimetrias, tais como limitações hierarquizantes na questão de gênero, de classe, cultura, ciência e religião. A propósito deste mote já anunciado como gargalo do existir dos socialmente excluídos, as estruturas euro-colonialistas – além de racista – é um conglomerado, aliás:

(...) um princípio constitutivo que organiza, a partir de dentro, todas as relações de dominação da modernidade, desde a divisão internacional do trabalho até as hierarquias epistêmicas, sexuais, de gênero, religiosas, pedagógicas, médicas, junto com as identidades e subjetividades, de tal maneira que divide tudo entre as formas e os seres superiores (civilizados, hiper-humanizados, etc., acima da linha do humano) e outras formas e seres inferiores (selvagens, bárbaros, desumanizados, etc., abaixo da linha do humano). (GROSFOGUEL, 2019, p. 59)

Neste texto, as minhas memórias são (re) lidas na vida adulta como “escolas” para me referir aos meus vínculos com as instituições formais (escolas, universidades, ordem religiosa, militarismo), e também para me referir às relações humanas e diversificados processos de ensino/aprendizagem das minhas vivências que, mesmo com as contradições presentes nestas vivências que envolvem questões raciais, eu pude me emancipar (em certa medida) das cadeias de opressões raciais, sociais, religiosas e epistêmicas. Emancipação esta conquistada não unicamente por mérito próprio, nem por mérito das instituições onde passei, mas por meio de uma terceira questão muito ampla, permeada de aprendizados que só a intuição – à luz de fecundas reflexões existenciais no curso da ancestralidade africana, da corporeidade reunidora destas vivências – pode outorgar.

Sou o “Poeta Esporádico”: *Sentindo nos sentidos/ Falando em versos/Símbolos ancestrais/Pensando no pensamento/Fechando o corpo/Poesia lançando/O poeta aos ventos*. A esporadicidade é um transe que vem como resposta às minhas próprias questões internas, que, com efeito, se sedimentam na ancestralidade e na mística da Escola de Aruanda para dialogar com a questão racial – e no mesmo impulso se desenha como palco das minhas representações humanas em celebração e em reunião com a pluralidade, com a diversidade e com todas outras categorias de marcadores sociais.

Inspirado numa manifestação da inteligência africana – no emprego da poesia como cura em cenário de pós-guerra para tratar as memórias dolorosas –, como o trabalho do moçambicano José Craveirinha (AZEVEDO, ALVES, 2021), pergunto: por que a poesia pode ser cura ou pode ser elemento de cura? Se houver uma resposta assertiva, provavelmente ela aludiria à compreensão geral de que a poesia não é teórico-conceitual. A poesia é uma expressão empática, intimista, intuitiva, verdade

interna que aciona o simbólico. A poesia ao mesmo tempo – saindo da subjetividade – nos lança ao encontro com o Outro numa linguagem de afeto, de reunião, de colaborativismo e de solidariedade, ao modo das tratativas orais africanas (AZEVEDO, ALVES, 2021) e afro-diaspóricas – em roda, ao modo das vivências dos povos e comunidades tradicionais (ALVES, 2019). Diferentemente da poesia, os conceitos teórico-abstratos estão sempre numa dialética de inclusão e de exclusão, de disputas, de assimetrias e de conflitos (AGUIAR, 2017).

A minha poesia, enquanto reunião metodológica e conflagração das múltiplas expressões existenciais, também é inspirada nos saberes do meu pai, Amantino Camilo Alves, raizeiro (curador), poeta popular (cura-dor), e escritor autodeclarado como “O Poeta Sem Cultura”, pseudônimo que também dá nome ao seu livro (ALVES, 2011). Na sua poesia anti-hegemônica O Poeta Sem Cultura critica a cultura hierárquica e hegemônica do saber instituído na educação formal que o impediu de dar continuidade aos estudos para além do antigo primário – em virtude de sua condição social de pobreza e de não-branco, dentro do contexto socioeconômico da vida rural em Minas Gerais. Minha narrativa é uma roda de conversa com os mais antigos (memórias, histórias, traumas), é, sobretudo, encontro com as narrativas do meu pai (o mais antigo), mas que no meu caso, podendo eu chegar nos estudos até ao doutorado, trato dos traumas partindo primeiramente da questão racial interseccionada com os fatores de classe, e de posição epistêmica – considerando como ponto de reflexão os saberes afrocentrados numa abordagem anti-hegemônica que aqui chamo de “Escola de Aruanda”.

Sem a pretensão de reduzir a conceitos, o termo Aruanda, que antes dava nome a um porto (no vasto continente africano) de embarcação de negros aprisionados com destino à escravidão nas Américas, agora representa nas religiões afro-brasileiras – em especial na Umbanda – não mais um lugar físico, e sim um território sagrado do simbólico-espiritual. Aruanda, como fenômeno de múltiplas expressões e sentidos, perfila num campo ontológico que remete à cosmovisão dos terreiros de matriz africana, pois “o terreiro cultua a *Arkhé*, a tradição, logo o saber do símbolo”. É um saber que não se define pelo racionalismo semântico, (...), mas pelo fluxo de forças que depende da existência do indivíduo concreto num “aqui e agora” (SODRÉ, 2019, p. 160).

Por estas razões, sem excluir as maneiras ocidentais de tratamento, compreendo a Escola de Aruanda como mais um potente elemento de cura, porque ela – sem ignorar a saúde do corpo e da mente – atua preponderantemente no simbólico, assim como a poesia, ultrapassando a esfera dos conceitos medicinais e da ciência ocidental em geral.

Do meu lugar de fala de homem negro, periférico,

professor da Educação Básica, na esfera pública, na periferia do Distrito Federal, chamo cada leitor/a, para partir das suas narrativas, das suas ipseidades e singularidades, para reunirem-se na coletividade também comigo para o exercício da reflexão sobre o lugar existencial que cada vivente e que cada segmento social ocupa no mundo. E através da oralidade poética, do canto, da reza possamos nos curar, possamos curar também os outros ouvindo as suas odisséias.

O presente texto está organizado em três partes: a primeira consiste na introdução ao tema (contexto, método, objetivos como já visto até aqui), e na sequência trato brevemente sobre a episteme afrocentrada e a abordagem decolonial; a segunda parte é a central, onde apresento algumas poesias que narram as vivências aprendidas na minha trajetória em distintos lugares/espacos/territórios; e já no final apresento as considerações finais, em que o sentido da poesia é associado à cura das emoções e seus sentidos impressos (transgeracionalmente e culturalmente) na corporeidade negra, e o tratamento cuidadoso das memórias para a imersão nas reflexões existências cujo sentido de existir é aberto e nunca conclusivo ou fechado, podendo, inclusive dialogar com outras frentes.

## Os lugares do negro

Vários são os/as autores/as que tratam na literatura afrocentrada e/ou no ativismo social dos movimentos negros e quilombolas sobre a questão racial no Brasil, e temos como vanguarda expressivos nomes, tais como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Clóvis Moura, Conceição Evaristo e muitos/as outros/as. Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982) falam do “lugar do negro” como local sociopolítico, construído e perpetuado pelo racismo. Este lugar, dominado por instrumentos e instituições dos Estados e por narrativas racistas da sociedade, ignora a verdade sobre a escravidão negra e a plena execução do projeto de Estado para exterminar a população negra após a abolição da escravidão (LOPES, 2008). E assim, mais uma vez o próprio colonialismo que subjugou a negritude às desumanas formas de existir, operando pelo racismo estrutural (ALMEIDA, 2021), ainda rotula negativamente a identidade da pessoa negra às assombrosas condições psíquicas, sociais, políticas, culturais, antropológicas. Com efeito, o lugar do negro é marcado por inúmeras vulnerabilidades, desde as precariedades sociais ao mal estar psicológico derivado destas opressões totalizantes do colonialismo.

Contrário ao olhar subalternizante que invisibiliza ainda mais o protagonismo dos negros e negras no mar de vulnerabilidades e no imaginário social racista, o lugar do negro, embora cheio de contradições, é emancipatório, porque tem uma longa história de luta e de

resistência vindas desde os quilombos (ALVES, 2019). Embora a identidade não seja antropológicamente padronizada e uniforme, em termos de poder de dominação, “a identidade do negro está basicamente definida pelo branco” (GONZALEZ, HASENBALG, 1982, p. 106). A autora e o autor afirmam que a literatura sociológica do Brasil, de natureza eurocentrada, reforçou esse caráter identitário da pessoa negra como se fosse dado empírico (puro, observado, indubitável, fatídico e inquestionável), sendo inclusive uma das bases científicas elementares de perpetuação do racismo estrutural. Por isso, a chamada “segunda identidade” está presente no comportamento das pessoas racistas em que a visão sobre o negro é sempre subalternizante e preconceituosa, pois, por um lado o enxergam como um trabalhador braçal e sem instrução formal, e de outra perspectiva o enxergam como um objeto de deleite, como por exemplo, um artista, ou um jogador de futebol que ascendeu socialmente (GONZALES, HASENBALG, 1982).

Romper com estes paradigmas objetificantes, limitantes, preconceituosos e racistas deveria ser uma política de Estado, no entanto, consiste no protagonismo da negritude empenhar diversificadas formas de luta, de resistência, de reivindicação. Por emparedar anti-sistemicamente o Estado e a sociedade, os dilemas da negritude evidenciam uma genuína inteligência afrocentrada que dá forma à estrutura social nos seus modos de vida – a exemplo dos quilombos, dos terreiros e outros (ALVES, 2019).

Para além do “lugar do negro”, negativamente objetificado por toda estrutura hegemônica e opressora do colonialismo, bem como pela narrativa da branquitude dominante, compreendo que existam no âmbito do simbólico “os lugares do negro”, mas de forma positiva. Lugares esses, assim como os quilombos, nem sempre visíveis e compreensíveis ao cogito da ciência ocidental (classificações, normatividade e categorizações hierarquizantes [ALVES, 2019]), porque escapando das emboscadas dos opressores preservam potências emancipatórias e curadoras – para os despertos. Esses positivos lugares do negro se expressam no horizonte filosófico corporificado da razão negra muitas formas do conhecimento, do ser, do poder e do existir (tais como: a oralidade, a espiritualidade, a ancestralidade, a solidariedade, o coletivismo, o corpo, as crenças, as tradições, os saberes, as expressões artísticas, a geracionalidade, os fatores políticos que colidem com a questão racial e com outros aspectos).

Ontológica e ancestralmente “os lugares do negro” são potências atuantes desde a África, porém como realização se fazem presentes não como um dado objetivo ao alcance da mão ou do intelecto para quem desejar. Conforme os saberes da Escola de Aruanda, além do compromisso encarnatório designado a cada pessoa em seu nascimento, a realização das potências

está como fenômeno que pode ser acionado de inúmeras formas (vivências-estudos-iniciações), mas tais potências só se plenificam especialmente quando o lugar negatizado do negro é totalmente desocupado – livre das estruturas do racismo.

A *crítica da razão negra* (2019), do filósofo camaronês Achille Mbembe, faz uma profunda reflexão acerca dos efeitos do racismo na humanidade, especialmente no psiquismo de negros e negras, porque o fator racial “esteve no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres” (MBEMBE, 2019, p. 13). Ainda conforme o filósofo, o discurso da modernidade sobre o ser humano e o humanismo, num sentido global de estrutura institucional, impõe ao mundo este projeto de conhecimento e de governo, porque “os mundos euro-americano em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada” (MBEMBE, 2019, p. 13).

A loucura codificada nos faz compreender que existem inúmeras lacunas e contradições do lugar do negro além daquelas sociopolíticas já faladas anteriormente. Na minha perspectiva, além desse lugar do negro socialmente estruturado pelo colonialismo que determina a retirada de direitos, bem como demarca a falta, o exotismo e o sofrimento global, abre-se para a inteligência negra um sentido de busca por superação, de busca por compreensão (justiça, igualdade, reparação), e que por todas essas razões instiga compulsoriamente a negritude a caminhar por uma senda em que o próximo passo não se apresenta ao pensar com nitidez ontológica como futuro e seus significados abstratos, mas como trânsito fatídico-e-material em escombros de destruição, cuja busca reivindica garantias de existir de fato, de estar fisicamente vivo de fato. A corporeidade destruída física e/ou simbolicamente é o cerne pluriontológico, pluriépistêmico do devir do negro.

Em se tratando de pessoa negra, quando ela está diante dos fatos e dados estatísticos do genocídio contra a população negra, e também imersa nas vulnerabilidades múltiplas que lhe afetam, a primeira necessidade básica recai sobre o direito básico de viver, e de ter garantias de ficar viva. Sentido esse que não passa, a priori, pelo raciocínio abstrato, mas lhe toca na espinha dorsal, no sangue, no gene. Tendo sua base vital comprometida por que não enlouquecer?

Como se estivesse caminhando em campo minado, porém, perceptível e visível apenas a si mesma, a vida da pessoa negra é ocupada diuturnamente com o autocuidado e autopreservação, com a vigilância e a sobrevivência, e também com o tratamento das feridas ainda abertas. Tentando se livrar de uma violência que lhe parece inerente, a pessoa negra está num eterno

trânsito existencial – ensaiando formas de sobrevivência enquanto vive. A corporeidade negra, contrariando as narrativas da segunda identidade, existe e se movimenta num *locus* de violências materiais e simbólicas instituídas pelo racismo estrutural – que opera de modo oculto.

Quando uma pessoa negra fala de racismo ela tende a ser incompreendida pelos não-negros, mas a sua fala – ajuizada como cantilena –, não significa apenas a insatisfação pessoal e subjetiva com o sofrimento do racismo. As queixas da pessoa negra revelam fatidicamente a possibilidade de ela ser mais uma vez renegada, mais uma vez rejeitada/sabotada/boicotada, mais uma vez excluída, mais uma vez invisibilizada e provavelmente ela se sinta uma possível vítima da morte violenta através dos instrumentos eugenistas do colonialismo e dos comportamentos racistas do cotidiano.

Conforme Fanon, psiquiatra afro-antilhano, “é preciso que o passado, o presente e o futuro constituam os três interesses predominantes da pessoa e é impossível ver ou realizar qualquer coisa de positivo, de valioso ou de duradouro sem levar em conta esses três elementos” (FANON, 2020, p. 266). Só a pessoa negra sabe que há um fantasma “obsessor” do passado incorporado nas estruturas e aparelhos do Estado e da sociedade do presente.

Para a artista, psicóloga e psicanalista afro-portuguesa Grada Kilomba, a experiência do racismo cotidiano precisa ser conceituada como traumática porque a pessoa transita na atemporalidade, “(...) na qual um evento violento que ocorreu em algum momento do passado é vivenciado no presente e vice-versa, com consequências dolorosas que afetam toda a organização psicológica, entre as quais se encontram pesadelos, flashbacks e/ou dor física” (KILOMBA, 2019, p. 216). Por isso a autora apresenta a cura como uma “descolonização do eu”, pois o racismo enquanto trauma possui um vínculo do “trauma colonial” com o “trauma individual”. Como conteúdo de um sofrimento histórico, as violências cometidas contra os nossos ancestrais (escravidão/genocídio) não assombam a pessoa negra do presente apenas enquanto dor humilhante historicamente inscrita, mas a afeta no gene, no corpo e na alma, pois seus vínculos com os seus antepassados se assentam também em memórias dolorosas (AZEVEDO, ALVES, 2021).

Mas, qual seria a razão para um aparelho estrutural do Estado se ocupar do extermínio da população negra? A explicação consiste na compreensão filosófica, histórica e econômica da própria constituição necropolítica do pensamento ocidental e onde ele colonizou, pois o império da Europa foi construído “sobre os cadáveres de milhões de africanos e africanas que foram expropriados, torturados, escravizados e assassinados. Foi a Europa, portanto, que “subdesenvolveu” a África, o que também pode ser aplicado à América Latina e à Ásia” (ALMEIDA, 2021, p. 194).

A segunda parte desse texto está organizada em forma de poesias. Cada poema, dentro dos termos já apresentados, significa uma escola, um aprendizado, um momento vivido seguindo uma ordem cronológica dos registros históricos em questão. Portanto, cada parte pode ser lida separadamente, embora as poesias tenham na sequência disposta uma conexão e continuidade mais ou menos enlaçadas.

#### O Poeta Esporádico e sua escola

Desceu um raio de luz  
Eletrizou minha negritude  
Poesia é virtude  
Teus mantras me envolvem  
Encantam o meu coração  
Me tocam e comovem  
E temperam a minha razão.

A esporádica poesia  
É a minha escola de magia  
Falando com a racialidade  
Embala minha corporeidade  
Cheia de contradições  
Escreve os meus ensinamentos  
Obtidos das reuniões.

Aos opressores da história  
A poesia impõe silêncio  
Minha esporádica oratória  
Enaltece a minha memória  
Caem no refúgio do meu peito  
Mil contradições do lado esquerdo  
Dez mil arranhões do lado direito.

A escola é um espírito que caminha  
Cada escola é um aprendizado  
Toda escola caminha de dentro pra fora  
E não se reduz a prédio fechado  
E mostra suas raças e seus sexos  
A minha escola é meu anexo  
De contradições e complexos.

Cada escola é existencial  
Sendo, portanto, paradoxal  
Ambíguo é o palco dela  
Paradoxal é a tela  
Pinta, pensa a existência  
Se mortifica a essência  
Dando vida à aparência.

Esta dita confusão  
Já foi relatada por Platão  
Cavernas ocultas da consciência  
Sob o rogo de culta sapiência  
Mortificam as vidas plenas  
Veneram antigas cantilenas  
Das escolas somente de Atenas

Mortificam os corpos negros  
Mortificam seus saberes e segredos  
Assassinam mulheres e mulheridades  
Veneram brancuras e masculinidades  
Martirizam pobres e o feminino gênero  
Adoram a morte e o veneno  
E bajulam o falo efêmero.

A história que vos conto só tem valor  
Se incorporas a persona do narrador  
No mais seria pura ilusão  
Ao modo das sombras de Platão  
Evoco as minhas contradições  
E meus horizontes de compreensões  
Revelando o mundo de opressões.

#### **A primeira escola**

Bença mãe. Bença pai  
Nesse mundo só cheguei agora  
Não sei se cheguei em boa hora  
Já que cheguei, encaro a prova  
Sem caderno, sem estudo  
Sem caneta e sem futuro  
Sou este rebento fajuto.

O Poeta Esporádico... talento nato  
Filho do Poeta Sem Cultura  
Formado sem formatura  
Escola sem giz e sem quadros  
Só os corpos surrados  
Sem diplomas lavrados  
Mestra e Mestre tão amados.

Sem cultura e sem educação  
Rico em desespero e esperança  
Pleno de temor e de confiança  
Repleto de dor e de curança  
Das frustrações só arranhões  
Primário de grandes lições:  
Primeira escola de contradições.

#### **A segunda escola**

Escola formal é trem sagrado  
É um quadro num quadrado  
A segunda escola tem diário  
Tem recreio, lanche e o abecedário  
Tem que falar, sentar e andar direito  
Se respirar ou olhar pro lado  
É arriscado ser reprovado.

Difícil só nos primeiros anos  
Robotizado, treinado, letrado  
Nem um mal parece pesado  
Racismo, lesões e reprovações  
São apenas outras contradições  
Onde o aparelho do Estado  
Só diz: – Aprovado ou Reprovado.

Mestras e Mestres potentes  
Nem todo ensinante é fechado  
Quando vive além do quadrado  
Marca a alma da gente  
Seja preto, branco, agnóstico ou crente  
Porém, mais completa a escola  
É aquela que me viu como gente.

#### **Terceira escola**

Não sei se antes ou depois  
Não sei bem em qual momento  
Se fora desta escola ou dentro  
Superar as contradições  
Dizem que é objetivo geral  
Mas se o assunto é racial  
O sofrimento é questão pessoal.

– Não tem mais escravidão  
Não se acha mais algoz  
Cala a tua voz  
Eu não sou racista  
Não tem mais senhor  
Cuida da sua própria dor  
Tempo de escravidão já passou.

Consegui me manter vivo  
Desviando dos descaminhos  
Vivendo flagelado de espinhos  
Essa é uma escola antiga  
Que todo dia tem avaliação  
E o que mais me intriga:  
“Que ser negro é contradição”.

A terceira escola é dos seletos  
Fugidos da prematura morte  
São os que vivem por sorte  
Mas que escapam feridos  
Distinto rebento  
Sou um dentre mil pretos  
A lhes trazer alento.

Foram iniciados os trabalhos!  
Fiéis de antiga doutrina  
Chamados ao santo expurgo  
Por desuso, deixam a batina  
Dados, relatos de morte  
Extraem do empoeirado capote  
Memória velada em surdina.

Sacerdotes benzem as gentes  
Entidades há muito acomodadas  
Contorcem o corpo inteiro  
Sob o expurgo são acordadas  
Pretos tremem. Sal na ferida  
Branços gemem: por que me intimidas?  
Trazidas à baila, memórias das vidas.

Conflita na sala cor e emoção  
Preto e branco, dor e razão  
Aguentem o tranco da libertação  
Herdeiro da morte, queime o capote  
Filho da dor, em primeira pessoa  
Escreva com sua cor que destoa  
Trilhas da vida contra a morte.

Contradições ao lado das emoções  
A terceira escola foi a formatura  
Ao descobrir que a dor tem cura  
O racista não está mais velado  
Agora é jugado e condenado  
Sob o meu olhar treinado  
Agora o racismo é expurgado.

### **Escola da ordem religiosa**

Embora fora de ordem cronológica  
Cursei um tempo a escola católica  
Escola religiosa do clericalato  
Pobre, obediente e casto  
Salesianos de Dom Bosco  
Ordem religiosa de contradição  
"Na igreja religiosos em missão"  
"Na sociedade homens em profissão"  
Cinco anos de estudos e meditação  
Cinco anos vertendo muita reflexão  
Preto ser padre até então  
Era só mais uma contradição.

Cinco anos de seminário  
O clericalato tão eurocentrado  
Eu, descendente de escravizados  
A cor não se escondia na túnica  
A fé põe todos em fila única  
Sendo a fé pura em devoção  
Deus não fazia distinção  
Apenas o povo na missa  
Sempre na mesma premissa:  
– Você também é seminarista?  
Às vezes respondia otimista:  
– Sou apenas o motorista.

Nem tudo era perdido  
Num lugar tão fechado  
Fiz as pazes com o sagrado  
Sobretudo quando era noviço  
Prestes a assumir o compromisso  
Revelando o existencial segredo  
Eu pude me assumir negro  
Mesmo sendo parca a afirmação  
Para a igreja já era revolução  
Equalizando fé e razão  
Revoltas e emoções  
Mais uma escola de contradições.

### **Escola de Atenas**

Como requisito sacerdotal

A filosofia foi um grande mistério  
A faculdade foi o meu o eremitério  
Devotado às questões da fé  
Via o clericalato como contradição  
As crises internas eram fé e razão  
As angústias sempre na contramão.

Clericalato e filosofia, ambas cantilenas  
Ambas eurocentradas  
Ambas hegemônicas  
Sair do quente era ir pro fervendo  
Mortificando meu eu interno  
Fora o rezar e o estudar...  
Cantilenas do meu inferno.

Vinculada à metafísica  
Filosofias racionais  
"Penso logo existo" e nada mais  
A filosofia é desincorporada  
Da história da nação escravizada  
Sendo apenas antigas cantilenas  
De histórias recontadas de Atenas  
Embora de terminologia feminina  
Eivada de branquitudes masculinas  
Filosofia-mulher, de máscaras doutrinas  
Desatando fantasmas em profusão  
Fiz do magistério a minha profissão  
A filosofia me libertou do clericalato  
Sob a condição desse novo contrato.

Eu não fui totalmente alienado  
Optei por minhas escolas  
Dialogando com os cartolas  
A partir do meu lugar de fala  
Encontrei na pós-graduação  
Frentes de emancipação  
Da antiga cadeia de opressão.

Em meio a tantos contratemplos  
Não mensuro o quanto fui agraciado  
Nas contradições fui iniciado  
Embora ajuntando arranhões  
Consegui obter meus ensinamentos  
Mas e os mortos por assassinatos?  
Não há mérito se existe opressão  
Não há conquista sem emancipação  
Eu não sou vitorioso jamais  
Não há diploma de expressão  
Para o preto que ignore o caixão  
Cárcere de mais um corpo-irmão.

Gênero e classe... outras formas de luta  
Nestas categorias não pode ter disputa  
Nossos marcadores sociais  
Não são graus piramidais  
Não pode ter opressão entre nós  
Quando o silenciador da nossa voz  
É o mesmo algoz.

### **Escola da ordem unida**

Ingressei nas Forças Armadas  
No Oficialato Temporário  
É um trabalho precário  
Porém, pela patente  
Me dava um bom salário  
Esta escola mudou minha vida  
Farda, pistola e ordem unida.

Toda escola que passo  
Não escapa da contradição  
Nesta nem precisou introdução  
Entrei para o Exército pra lecionar  
Filosofia no Colégio Militar  
Filosofia e militarismo é briga eterna  
Mas fiz diplomacia na caserna  
Entendi que as estruturas do Estado  
Tem o mesmo artifício  
No caminho eurocentrado  
Cujo único ofício  
É marchar cadenciado.

Quando a pauta é racial  
A instituição encerra o assunto:  
– Aqui não há desigualdades reais  
Devido ao mérito, somos todos iguais  
E nessa toada dizia ainda mais:  
– Filosofia aqui é tão banal  
Que só cumpre exigência legal.

A farda apagaria minha negritude  
Que cilada a conformidade!  
Armadilhas da uniformidade  
O posto de tenente  
Me deixava sem cor aparente  
Porém, me destacava na patente  
Pois preto é comum até subtenente  
Não raras as vezes que ouvia:  
– Admiro o quão és inteligente  
Na verdade, queriam dizer  
Sem querer me aborrecer:  
– Aqui não é lugar da sua gente.

### **Escolas ocultas e seus ensinamentos**

O eurocentrismo é um maciço bloco  
Pra sobreviver se conserve *in loco*  
Não ceda à ideia de universalidade  
Não sucumba à dita globalidade  
Todas têm técnicas de opressão  
Te lançam no abstrato  
Tirando seus pés do chão.

Pé no chão não quer dizer  
Que também devas se furtar  
Dos compromissos a desempenhar  
Sejas melhor para si mesmo  
Não trabalhe alienado  
Nem pouco e nem dobrado

Muito menos a esmo  
Quando compreender a opressão  
Terá também a emancipação  
Vinda da corporeidade negada  
Ela é tudo e mais um pouco:  
Raça, gênero, classe subalternizada.

### **Escola de Aruanda**

O número sete é sagrado  
Para alguns é perfeição  
Para mim é idealização  
Gerações de pretos marcharam  
Para chegar aonde chegaram  
Cada escola idealiza superações  
Idealiza superar contradições.

Cada quilombo é um mestre  
Cada Terreiro é uma turma  
Cada favela é um teste  
Cada irmandade é um ensino  
Cada roda de preto é um sino  
Que soa baixinho  
– “Aruanda meu mimo”.

Há pretos ordenados por série  
Há pretos de intempérie  
Sozinhos no mundo são autodidatas  
Escolas de lições isoladas  
Porém, seu vintém confere um bem  
Aqueles de quem a luz não refrata  
Negritude é forte torpor  
Mesmo sozinhos são unidos na dor  
Contestar é sua empreitada  
Enfrentar, camuflar, reagir  
Refletir, chorar e fugir  
Misturar, calar e sorrir  
Amar, perdoar e fingir  
Refratar, cultivar e seguir.

Todo preto e preta lembra Aruanda  
Sendo ou não filhos de Umbanda  
Aruanda é escola de mistérios  
Rezas, mirongas e magia  
Ancestralidade é luz que irradia  
Epistemes, Estudos, Saberes  
Compromissos, obrigações e deveres.

Não sou apenas um corpo preto  
Embora fajuto do gueto  
Sou conteúdo ancestral  
Africanidade é pia batismal  
Primeira a habitar o Planeta  
Respeite meu gameta  
Sou da família do Astral.

Pisando a passos lentos  
Sigo os antigos na missão  
Apoiado no meu próprio bastão

Caminho mundo afora  
Ainda moço muito embora  
Leciono na escola do mundo  
Viva Aruanda... seu saber profundo.

#### **Escola dos sete: vencendo demandas**

No mês sete, com sete meses  
Inicias comigo o teu primário  
– Miguel, no teu sétimo aniversário  
Siga Dandara pra escola  
Sou seu professor agora  
Mamãe é distinta mestra  
À tua direita e à tua destra.

Sete dias da semana  
Sete giras, sete guias  
Sete velas de sete dias  
Despacho fantasmas  
Despacho miasmas  
Expurgo os carmas  
De morte por armas.

Rezo pro seu caminho livre  
Livre do racismo e da dor  
Livre da morte e do terror  
Te guardo são e sabido  
Incensado e ungido  
Sete portas estão abertas  
Estude nas escolas certas.

Sete Orixás da esquerda  
Sete Orixás da direita  
Sete guias na espreita  
Não há mais contradições  
Somente as tuas comparações  
Depois da cabeça feita  
A tua escola será eleita.

#### **Escolas reunidas**

O ensino colonial arrola conceito  
Já o meu ensino vem do peito  
Meu corpo preto é laboratório  
Minha escola é um sanatório  
O meu escritório é um oratório  
Invoco saberes místicos  
Confundindo os ditos críticos.

Cura e ensino são mistérios  
Ensinos orais benditos  
Não são tratados escritos  
São ensinos espirituais  
Soprados por fontes divinais  
São mestres acadêmicos  
Vivências e estudos formais.

#### **Escola de incorporações**

*(Nos dizeres hegemônicos)*

– Sem apologia ao credo que creio

Credo em cruz contra o devaneio  
Creio na luz pura da razão  
Repreendo prática de incorporação  
Incorporo só lendas epistêmicas  
Sacralizadas por seitas helênicas  
Eivadas de opressões eurocênticas.

– Incorporo dogmas e preconceitos  
Sumas teológicas, ritos e preceitos  
Intolerâncias e discriminação  
Ungidos só santos de minha devoção  
Eles que me ensinam a contradição  
Me considero seleta do mundo  
Adoro os que fazem opressão.

*(Dizeres da negritude)*

Meu corpo negro é um fato  
Epistemicídios sofridos  
Incorporo os redimidos  
Incorporação é questionada  
Sendo um fenômeno ancestral  
É sempre desprezada  
Pela lógica racional.

Todo preto faz incorporações  
De dores, desafios, vitórias  
De saberes e de memórias  
Existir nos é proibido  
Driblando contradições  
Além do aprisco quebrado  
Somos emancipação.

#### **As escolas da natureza**

Mestras das minhas escolas  
Mulheres negras que estimo  
Forças da natureza gerando  
Leite materno, abraço e ensino  
Em compensação colhendo  
Esperança, fé e espinho  
Dores e incertezas do caminho.

Este é teu contrato de vida:  
“Sujeita a ser incompreendida”  
Preço pra mulher aguerrida  
“Serás propensa à solidão”  
Incertezas da contramão  
“Serás tida como força bruta”  
Tuas palavras e gestos de luta.

A mulher negra em liderança  
Sacode a hierarquia patriarcal  
Questiona a branquitude opressora  
Abala a cadeia colonial  
Sal da terra e luz do mundo  
É sua inteligência ancestral  
Sem falar das mulheridades  
Que assombam as cristandades  
Empoderamento feminino?

Muito mais do que isso  
Eu penso que seja de fato  
Uma questão de compromisso.

Vulnerabilidades incorporadas  
Como não ser um ser dual?  
Duelando com as contradições  
Na vida paradoxal  
Nenhum mal chegarás a tua tenda  
Desde que por mal compreenda  
O sonho da vida normal.

Nem toda negra é força da natureza  
Mas todas elas, com plena certeza  
Foram chamadas a uma missão  
Liderança, guiança, curança  
E cultivo da esperança  
A que nega aparentemente a lida  
Só aparentemente não revida.

A negra é plena de incorporações  
Rejeições e outras contradições  
Pode até viver sem contestações  
Preservando as próximas gerações  
Guardando todas as lições  
Alegrando com todas as superações  
Chorando em todos os caixões  
Aguardando as próximas florações.

A natureza lhes faz redenção  
Lhes faz transmutação  
Com lágrimas cultivas  
Rosas, cravos e Margaridas  
Com fé e trabalho reaviva  
Toda vida largada à deriva  
Amargos sabores da lida  
Nas palavras do Emicida  
"Deus é uma mulher preta"  
Pois gera, cria, ensina e espera  
Que cresça a vida que supera  
Dores, fracassos, dissabores  
Suas contradições e temores  
Nos alunos e nos amores.

#### **Escola de Aruanda e referências**

Nos dizeres de Aristóteles  
O homem é um animal político  
Concordo, mas sendo crítico  
"Animal" é um conceito científico  
Duro e pouco fluídico  
Abstrato e fatídico  
Lógico e empírico.

Para a filosofia africana  
Nós humanos somos todos um  
Até os que estão junto a Olorum  
Ao invés de nos ligar aos animais  
O Ubuntu nos liga aos ancestrais

Sem desmentir os saberes racionais...  
Para o Ubuntu somos seres imortais.

"Somos todos um" é a humanidade  
Reunião da diferença e da diversidade  
Do agora, do amanhã e do passado  
Do preto, do branco e do miscigenado  
As únicas existentes separações  
São portentosas opressões  
Cujas vivas contradições  
Conclamam reuniões  
Pra derrubar divisões  
Pra cessar dominações  
De humanos em prisões  
Pra celebrar emancipações.

Todo sonho de reunião  
Não é mera ilusão  
Se o caminho que trilha  
Lhe retira da sua ilha  
E te coloca em procissão  
De mãos dadas com o irmão  
Rumo à evolução.

Aos que me precederam  
Os saúdo nas vivências  
Aos que me inspiraram  
Cito em referências  
Aos que me eletrizam  
Incorporo em minhas essências  
Contradizendo as aparências.

#### **Escola de Aruanda e o agora**

Toda emancipação é genuína  
Driblando a caneta de ouro  
O povo saindo da ruína  
Do seu modo e do seu jeito  
Declarada ou em surdina  
Aquilombando todo sujeito  
Nada mais te domina  
Livre da antiga sina  
Acharás sua libertação  
Escrevendo com sua tinta  
Sua história, sua memória  
Ancestral trajetória.

A negritude tem seu jeito  
Contraopondo as opressões  
Inspira em figuras de respeito  
Gandhi, Dandara, Mandela,  
Ângela Davis e Marielle Franco  
No Terreiro, quilombo e favela  
A história do não-branco  
Até Jesus Cristo  
Ensinou seus seguidores  
Mesmo correndo risco  
– Não alimente tuas trevas!  
– Quebre todo aprisco!

Sabedoria, narrativa oral  
Coletivismo, compadrio  
Ciência ancestral  
Solidariedade, matriarcado  
Episteme espiritual  
Plena de elevados mistérios  
A negritude e seus impérios.

Tanta grandeza vertendo  
No campo da disputa  
A lógica do premendo  
Sabota a nossa luta  
Porém, eu escrevendo  
Somando ao enfrentamento  
Exemplo da nossa conduta.

## Considerações

É natural que quando a cura se anuncia possivelmente a patologia já foi diagnosticada. Porém, em se tratando de pessoa negra no contexto do racismo brasileiro – considerando o seu lugar de negro e os seus “lugares de negro” – a patologia que lhe recai é efeito de uma ideologia estrutural de branquidão porque “as raízes da patologia residem na formação moderno-colonial da sociedade brasileira, em que uma minoria branca impôs uma desvalorização estética da cor negra como estratégia para a exploração econômica e o domínio político” (BERNARDINO-COSTA, 2019, p. 259). A cura, portanto, não é uma busca individual junto à medicina ocidental ao modo de uma patologia comum, é, para todos os efeitos, o emprego de muitas estratégias a partir da compreensão do “corpo negro não como um objeto do conhecimento a ser escrutinado, mas sim como um corpo que possui uma localização político-epistêmica específica dentro das relações de poder da sociedade moderno-colonial, Fanon distancia-se da concepção que separa o corpo e a mente” (BERNARDINO-COSTA, 2019, p. 264). Nesse sentido, a Escola de Aruanda, a poesia e outras combinações possibilitam epistemicamente o tratamento das feridas e sofrimentos onde uma episteme ocidental não tem alcance – ou sequer tem conhecimento dessa patologia.

Seja ele/a poeta/tisa, griot, rapsodo, trovador, apresentando uma mensagem enigmática, não apenas leva misteriosamente a sua mensagem aos seus destinatários, mas também provoca efusivos efeitos. Porém, no seu palmilhar, a narrativa vai deixando meio escondidas as trilhas que ligam o mensageiro às suas fontes e às suas queixas e conteúdo, porque no fundo, a mensagem é extemporânea, subjetiva, transmutadora, multi-cósmica, mágica, mística, psico-onírica, purgadora, ou seja, desprendida dos conceitos racionalmente compreensíveis – porque em si tratando de profundas feridas, a poesia cura porque ela chega com sutileza em campo minado sem

desarmar mais bombas, pois ela sabe que “a cura consiste, (...), em trazer de volta à consciência dois tipos de segredos que Freud evoca (...): aqueles que conhecemos e que nos esforçamos por esconder; e aqueles que não conhecemos porque não se apresentaram diretamente à consciência”. (MBEMBE, 2019, p. 212).

Assim sendo, não como uma falta, a identidade do/a negro/a será sempre um devir, será sempre uma fresta que não se deixa plenamente fixar pelas hegemônicas rotulações, mas que também não se revela plenamente, fazendo com que o tratamento seja realizado misteriosamente de diferentes modos no campo simbólico, na memória. A memória é que faz “(...) essa união de passado, presente e futuro” (FANON, 2020, p. 265).

Trazer um denso conteúdo à consciência exige um transe poético, lento, gradual, meditativo, amparado por forças externas e internas, por luzes e sombras. Mas também, a depender da necessidade conforme os mistérios do transe poético emanados da Escola de Aruanda, – em linhas gerais – pode ocorrer que, “ou a revelação do negro, se a houver, somente se fará à custa de uma ocultação” (MBEMBE, 2019, p. 265).

Embora amparado em diversas referências bibliográficas e pela minha própria trajetória de vida, a minha escolha pela poesia não se reduz a uma forma metodológica, mas é, sobretudo, sentido epistêmico afrodiáspórico de lembrar e/ou de aproximar com empatia e afeto dos mistérios de uma escola muito falada pela negritude nos terreiros, quilombos, favelas, rodas de conversa, rezas, ensinamentos e iniciações (Aruanda), mas cujas portas estão abertas ao aprendizado e vivências apenas para aqueles/as que tiverem o devido merecimento de seus aprendizados. Para os/as despertados/as cada linha escrita é um indicativo de reencontro. Para quem ainda irá despertar este texto será um encontro.

A minha prática profissional do magistério, mesmo balizada por saberes eurocentrados, já ensaiava o despertar da tomada de consciência de algumas questões existenciais – marcadas por fatores de sofrimentos, tanto em mim quanto em meus alunos/as. Mesmo sem o domínio teórico do conceito de avaliação formativa, e sem me prender exclusivamente ao livro didático do meu Componente Curricular – trazendo elementos da filosofia oriental, da filosofia africana, da pauta racial e das questões do cotidiano – eu sempre empreguei as avaliações formativas na sala de aula através da realização de provas orais (com questões a serem aplicadas e critérios previamente discutidos) mediadas por textos previamente construídos pelos/as estudantes através de pesquisas, leituras e debates em círculo/roda. Além disso, durante muitos anos realizei no contraturno das aulas a condução de clubes de filosofia e de meditação, em que os/as estudantes podiam elaborar pela narrativa das questões existenciais suas vivências curativas de

alguns assuntos angustiosos para além do domínio puramente abstrato: por exemplo, se numa aula era discutida a liberdade em Sartre, no clube de filosofia os/as estudantes traziam – em primeira pessoa, além de conceitos e teorias – as suas experiências de vida narradas ou testemunhadas como compreensão de liberdade.

Considerando o assombroso contexto pandêmico em travessia, urgindo por curas, penso que, mais do

que um conjunto de práticas pedagógicas ou reflexões filosóficas a serem compartilhadas, deixo para cada leitor/a – sendo professor/a ou não – campos de diversas possibilidades de imersão em suas próprias Escolas que, se vivenciadas com autenticidade e profundo humanismo, podem ser também formas de tratamento e cura em diversificados espaços, em diferentes momentos, para diversas situações. ■

## Notas

<sup>1</sup> Ver Achille Mbembe (2019): o filósofo apresenta no capítulo 6 (Clínica do sujeito) alguns tópicos existenciais acerca da identidade do negro em que, para todos os efeitos, imerso em tantos dilemas e dores, busca se afirmar negro para significar o seu existir para além do sofrimento que lhe é acometido pelo racismo/colonialismo.

<sup>2</sup> “(...) A decolonialidade refere-se à luta contra a lógica da coloniedade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos”. (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 36).

<sup>3</sup> Termo apresentado mais adiante.

## Referências

AGUIAR, Roberto Armando Ramos de. **Alteridade e rede no direito**. In COSTA, Alexandre Bernardino (org.; et. al.). O direito achado na rua: nossa conquista é do tamanho da nossa luta. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017. (Vol. III).

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ALVES, Adeir Ferreira. (a). **Organização social no Quilombo Mesquita**: trabalho, solidariedade e atuação das mulheres. 2019. 153 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania). Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

ALVES, Amantino Camilo. **O poeta sem cultura**. São Paulo: Nelpa, 2011.

AZEVEDO, Gustavo Porto de; ALVES, Adeir Ferreira. **Babalaze das hienas e a memória coletiva moçambicana**: a oralidade, a ancestralidade e a escrita poética como narrativa da guerra civil. Revista de Ciências Sociais, v. 52, p. 27-46, 2021.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Convergências entre intelectuais do Atlântico Negro**: Guerreiro Ramos, Frantz Fanon e Du Bois. 2019. In BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Epistemologia feminista negra**. In BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Cabdiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Editora Marco Zero: Rio de Janeiro, 1982.

GROSFUGUEL, Ramón. **Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada**. 2019. In BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, Nei. **Bantos, Malês e identidade negra**. Autêntica: Belo Horizonte, 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade**: algumas dimensões básicas. 2019. In BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. Paris: Éditions La Découverte, 2019 (3 ed.).

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder**: Eurocentrismo e América Latina. CLACSO. Buenos Aires, setembro/2005. In: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sursur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf).

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2019.